

Brüseke, Franz Josef. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: UFSC, 2001. 216 p.

Ana Paula de Araújo Lima<sup>1</sup>

## 1. CREDENCIAIS DO AUTOR

Franz Josef Brüseke é Doutor PhD pela Universidade de Münster, nascido em 1954, leciona sociologia na Universidade Federal de Santa Catarina e publicou na Alemanha os livros: *Blätter von unter* (em co-autoria com Grosse-Oetringhaus e Offenbach: Verlag Zweitausend, ambos lançados em 1981) e *Chaos und Ordnung im Prozess der Industrialisierung* (1991). Brüseke publicou ainda em língua portuguesa: *A lógica da decadência* (1996); *Riqueza volátil* (1997) e *A técnica e os riscos da modernidade* (2001), as duas últimas obras em co-autoria com Armin Mathis e Daniel Chaves de Brito; além de *Mística e sociedade* (2006), em co-autoria com Carlos Eduardo Sell. Fora os livros, o autor conta com vários artigos publicados em coletâneas e revistas especializadas, sendo a técnica moderna e suas relações com a sociedade contemporânea seu objeto de estudo por excelência. Atualmente, é pesquisador do CNPQ e coordena o Núcleo de Pesquisa: Sociedade, Ciência e Técnica, na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

## 2. RESUMO DA OBRA

O livro “A Técnica e os Riscos da Modernidade” apresenta-se subdividido em cinco capítulos, no primeiro tem-se o título “Liberdade e risco”, onde o autor disserta acerca do desejo e da necessidade humana de transcender as situações cotidianas, isso desde seus primórdios. Nele o autor mostra o quanto a necessidade de ir além das condições imediatas de existência está indissolúvelmente associada ao seu anseio por liberdade. Sendo esta identificada com uma liberdade política, visto que o homem, por sua natureza social, é um ser essencialmente político. Então a questão que aqui se coloca é justamente o que fazer dessa capacidade de ser livre? Ou seja, como bem utilizá-la sem cair nas armadilhas que levam a um mau uso da liberdade? Responder a contento a esse ponto é um dos maiores desafios do homem e um dos que mais lhe provoca aflição, pois, segundo esse entendimento, não se conta com critérios precisos e infalíveis nas avaliações cotidianas, conta-se apenas com incertezas e com a busca por uma conduta moral.

Brüseke chama ainda a atenção para as mudanças ocorridas na sociedade atual, que transcendem em muito as tradições passadas. O autor afirma que tais transformações se devem ao mau uso da liberdade, isto é, aplica-se a liberdade no sentido anômico, onde não existem mais regras sociais orientando as ações. É, dessa forma, a negação da normalidade que deixa o homem desprotegido da moral social, de seus costumes e tradições. Isso leva a crer que essa anormalidade social está intimamente ligada à modernidade social, e aqui se trata da modernidade em sentido amplo. Afinal, a dinâmica das relações sociais é o que prevalece no mundo moderno resultante da capacidade de interligação entre o local e o global, o que influencia cada vez mais o dia a dia das pessoas, remodelando sua forma de relacionar-se. A essa dinamização o autor chama de

---

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Ética e Epistemologia/UFPI.

“desencaixe”, que é o deslocamento das relações sociais através de extensões indefinidas de tempo.

Segundo Brüseke, cria-se, em meio à abundância de técnicas modernas, um sentimento tanto de confiança quanto de risco imposto pelo homem a si mesmo, pois este, sempre ávido por novas invenções e conquistas, não reflete sobre as consequências de suas ações e em como elas poderão repercutir no mundo, como, por exemplo, o caso da acumulação crescente de artefatos que terão futuramente como único destino o lixo.

O que se vê, então, é o homem, enquanto ser político, interferindo no ambiente em que vive através da sua criatividade produtiva e destrutiva, o resultado disso vem sendo a descaracterização do meio ambiente até então interpretado como uma criação externa ao mundo do homem.

Assim, toda essa modernidade configura-se como contingente, ou seja, excesso. Cabe ao homem parar e constatar a realidade da contingência da ação social, e tal ato poderá mesmo resgatar a sua dignidade enquanto homem livre. Sobre este aspecto, pode-se inferir, finalizando essa primeira parte, que existe uma interdependência e um risco entre as decisões tomadas pelos outros e por nós mesmos, assim, as responsabilidades são sempre divididas.

No segundo capítulo, Brüseke prossegue a discussão sobre o risco social, ambiental e individual decorrente da liberdade, assegurando que a consciência do risco já tem uma longa tradição e vem se firmando cada vez mais com o processo de modernização. Esse processo, por sua vez, vem se transformando em um problema à medida que as novidades tecnológicas e organizacionais introduzidas na sociedade são aplicadas de forma não refletida nas entranhas do corpo social. Isso acaba por promover o surgimento de uma sociedade que produz e distribui de forma desigual os riscos ambientais e sociais.

Brüseke enriquece a discussão trazendo as reflexões de Beck acerca da sociedade de risco. Segundo este, de uma forma global, essa sociedade permanece até o momento inexistente, dando conotação parecida à sociedade da escassez. O que faz crer que Beck, nesse contexto, se refere tão somente aos países industrializados. Neste capítulo, o autor apresenta, analisa e discute, resumidamente, as cinco teses de Beck sobre o risco da modernização, donde se pode concluir que é a realidade global, inserida nos processos de modernização da sociedade, que causa um efeito bumerangue, ou seja, ela vai e volta, fazendo com que os efeitos e as consequências recaiam sobre o homem, algoz de suas próprias invenções, refletidas na necessidade de estar sempre transcendendo a realidade, em busca de novos horizontes.

Para Brüseke risco é entendido como um acontecimento futuro, um momento esperado ou temido no qual pode acontecer um ganho ou uma perda. Afinal, o risco pode ameaçar a base da existência normal quando vem acompanhado de sentimentos como o medo da perda. E quando se está repleto de temores, o futuro se apresenta numa perspectiva assustadora. Dessa forma, Beck não percebe que o risco é algo que caracteriza o estar aí. O risco não existe sem o homem, que é este alguém que tem algo a perder.

Assim, nesse texto, as reflexões sobre o risco estão associadas às questões que envolvem o meio ambiente, tal qual um alerta em relação ao que está por vir, seja alguma catástrofe ou um dano irreparável, o que nos coloca diante da expectativa de uma perda coletiva.

Brüseke procura ainda correlacionar a questão do risco a vários segmentos como: utopia, estratégia de minimização, risco e temporalidade, chegando até aos riscos que as gerações atuais e futuras correm devido à produção de resíduos radioativos pelas usinas nucleares construídas nos anos 70 e 80. O autor deixa bem claro o tamanho do perigo que o uso da tecnologia nuclear acarreta para humanidade. Mas apesar da alta modernidade ter adicionado, de forma ampliada, o risco ambiental ao risco social e

individual. Brüseke discute mais adiante as teorias que demonstram que o aumento dos riscos surge já com a primeira e a segunda guerra mundial, eventos que tiraram grande parte de sua força da irracionalidade da sociedade moderna e de seu apuro técnico.

O terceiro capítulo é um dos maiores e aborda o pensamento do filósofo alemão Heidegger acerca da crítica à técnica moderna. Vale mencionar que apesar de certa dificuldade em relação aos termos empregados pelo filósofo – pois ao que parece, as palavras não puderam ser traduzidas na íntegra – pôde-se identificar em Heidegger um precursor do pensamento ecologista. Segundo ele, a questão da técnica não poderia ser resumida a algo meramente passivo e, sim, capaz de influenciar, de forma decisiva, a relação do homem com o seu mundo. Em Heidegger, dois termos específicos estão interligados à necessidade de conceituar a análise da técnica moderna: “desocultamento” e “materialização”. Brüseke considera o primeiro termo um neologismo difícil de ser reinventado.

Em todo o seu texto, o filósofo faz uso de expressões e de palavras específicas do vocabulário alemão e cria novos termos com o objetivo de dar conta das peculiaridades que envolvem uma reflexão profunda sobre a questão da técnica moderna e a sua aplicação devastadora ao meio ambiente.

Heidegger discorre sobre a era do átomo e a caracteriza como uma época em que a singularidade e o significado do indivíduo se dissolvem. O valor moral dá lugar ao valor calculado, ou seja, ao dinheiro. E toda forma de exploração é aceita em favor da tecnologia. O solo, portanto, desoculta-se exclusivamente como depósito de minério em detrimento das formas antigas ou alternativas de desocultamento que remetiam a sentidos como os de: guardar, cuidar e preservar. A chave da sobrevivência agora é abrir, transformar, armazenar e distribuir. O que aparece no cálculo é sempre o que o próprio cálculo retirou de algo mais moderno.

Esta parte do livro constitui-se, provavelmente, na mais divergente, pois traz um apanhado do pensamento de vários filósofos em seus aspectos convergentes e discrepantes sobre um mesmo assunto. Passa-se por Durkheim, chegando à crítica de Heidegger em relação a Nietzsche.

Brüseke destaca ainda as menções que Heidegger faz em seus vários escritos em relação à vontade, imposição e dominação, onde o homem moderno revela-se como um completo fabricante-impositor, encaminhando-se sempre para a dominação absoluta de seus iguais.

Em todo esse trecho, Brüseke se debruça sobre palavras com variados significados no alemão, como as que se referem a “fabricar” e “manusear”, chamando a atenção do leitor para a palavra *stellen* e suas quatorze variações, o que permite um grande leque de composições entre palavras distintas. Essa investigação minuciosa do autor conferiu um grau maior de complexidade ao capítulo.

Como já fora mencionado, Heidegger é colocado como precursor do ecologismo, devido às suas preocupações relacionadas ao uso da técnica moderna sobre o meio ambiente. Em suas reflexões, o filósofo chama atenção para a sociedade de consumo, aprofundando a crítica ao uso das matérias-primas e das fontes não renováveis de energia. Seu pensamento associa a aplicação em larga escala das técnicas modernas a um conseqüente entendimento do ser enquanto depósito, o que caracteriza, nada menos, que a maneira como tudo que foi atingido pelo desocultamento exigente-desafiante, apresenta-se.

Para oferecer uma ideia de como isso acontece, Heidegger traz o seguinte exemplo: o minério, no processo de desocultamento técnico, nunca se revela como ele mesmo, ou seja, a descoberta de um depósito de minério de ferro é a descoberta de um depósito de minério de ferro e nada mais. Heidegger identifica, assim, igualmente nas ciências, a homogeneização e a uniformização, características da técnica moderna.

Segundo ele, a saída para esse estado de coisas não estaria na política, pois esta não traria qualquer possibilidade efetiva de mudança no rumo da história moderna. Na verdade, Heidegger afirma que nenhum homem singular e nem mesmo a coletividade seriam capazes de frear ou guiar o percurso histórico da era do átomo.

Apesar de sua crítica sobre a técnica moderna e suas reflexões acerca do meio ambiente terem sido negligenciados por causa do trauma nazista e de seu suposto apoio à política do terceiro reich, o que impossibilitou por muito tempo que se percebesse Heidegger como um dos precursores filosóficos do ecologismo, seu pensamento se mostrou duradouro, recebendo hoje a atenção que merece, sendo difícil negar que a ética em Heidegger foge dos parâmetros usuais da filosofia ocidental, tendo deixado sua marca e influência sobre o pensamento contemporâneo.

Acirradas discussões filosóficas acerca da crítica à técnica moderna marcam todo o quarto capítulo da obra de Brüseke, numa exposição de conhecimento e teorias filosóficas diferenciadas, feita de tal forma que o capítulo parece um tanto quanto confuso, onde a mescla de opiniões e pensamentos divergentes não chegam a uma síntese.

Outro ponto de destaque trabalhado no livro foi a questão das relações de produção apontada como uma das principais causas dos problemas sociais, numa referência direta à técnica moderna e suas consequências. Isso pode ser perfeitamente observado na transformação da natureza pelo homem e no uso que este vem fazendo dela através do desenvolvimento da técnica.

Portanto, a ideia central que se coloca por trás de “A Técnica e os Riscos da Modernidade” refere-se à relação entre a tecnologia social x a crítica da técnica, isso com base nas reflexões filosóficas de Heidegger e nos prognósticos do antropólogo Gehlen – que vê na técnica moderna uma ameaça à cultura, o que pode levar à sociedade à massificação, uniformização e manipulação. E mesmo Gehlen tendo posições políticas diferentes das de Horkheimer e Adorno, nesse aspecto, ele divide com ambos o mesmo entendimento acerca das consequências da técnica no corpo social.

Ainda no quarto capítulo foi ressaltado como os grandes desastres técnicos, encarnados pelas duas guerras mundiais, geraram, ou pelo menos influenciaram uma onda de crítica sobre a aplicação da tecnologia e do conhecimento no destino da humanidade, gerando um clima de intenso ceticismo referente ao futuro da sociedade moderna.

Para reforçar o debate, Brüseke traz também a argumentação de Marcuse referente às implicações políticas da técnica, destacando como Habermas percebe, nas análises neomarxistas e até nessa argumentação de Marcuse, a crença na inocência das forças produtivas, isentando-as, de certa forma, de sua responsabilidade perante o seu uso político.

Como síntese resultante desse conjunto de reflexões, o autor aponta o surgimento de um novo discurso, no fim nos anos 70, marcado por interpretações marxianas que tentam unir a crítica das relações de produção à crítica dessas forças produtivas.

No contexto deste capítulo fica implícita a relevância da discussão sobre a técnica para o debate e a prática de um desenvolvimento sustentável que busca soluções economicamente eficazes, socialmente equilibradas e ecologicamente prudentes.

O último capítulo do livro contempla uma discussão em torno do sagrado, encabeçada por Heidegger, para quem o esquecimento do Ser é a consequência específica da técnica moderna. Isso é o que se vê nos dias atuais, onde a realidade se configura pelo abandono dos deuses, não existindo mais na história qualquer vestígio do divino. Pois como os interesses giram em torno da inovação, da modernidade, constrói-se um mundo cada vez mais incapaz de sentir falta do seu próprio fundamento. Assim, nestes tempos de crise, perdem-se todas as certezas, nem se pode saber com segurança se o sagrado oferece

ainda a experiência do divino, e até o caminho para um encontro com o próprio sagrado fica obscurecido.

Antes de concluir o livro, Brüseke traz ainda as abordagens da corrente antropológica e também de diferentes culturas acerca do sagrado e do profano, citando, assim, as definições de Durkheim e Weber sobre ambos.

Para estes autores, o sagrado é compreendido como algo racional e traz como oposto o “numinoso”, que, na visão do teólogo Rudolf Otto, trata-se de um fenômeno irracional, pois, como escreve Brüseke, o sagrado é dificilmente explicável ou acessível pelos meios da reflexão científica.

O livro finaliza, portanto, caracterizando e descrevendo o sagrado, alertando no sentido de que o retorno a este ficou perdido no mundo-objeto das ciências e da técnica, sendo uma ilusão o retorno ao mesmo. Afinal, depois da morte declarada de Deus, não houve mais espaço para o divino e nem para o sagrado.

### 3. CONCLUSÃO

De um modo geral, o autor se apóia em diversos estudiosos para emitir suas conclusões. Numa das poucas oportunidades em que declara suas próprias ideias, Brüseke nos lembra que a decisão de adotar uma postura crítica, de procurar a verdade e valorizar a objetividade é uma atitude praticamente inexistente perante a grande valorização da técnica como subsídio primário para se alcançar a modernidade. Alerta-nos ainda que determinadas escolhas geram consequências que poderão ser consideradas indesejáveis pelo sujeito e pelo mundo de um modo geral.

Com este discurso, incentiva-nos a reagir e a pensar de forma não acomodada, mostrando a responsabilidade existente em tudo que se faz e se cria, pois a decisão final será sempre um ato de valor que pode ser esclarecida pelo pensamento, através da análise dos resultados de determinadas decisões. Respalhando, ainda, suas opiniões em autores de peso, destaca que a obra “A Técnica e os Riscos da Modernidade” mostra que, nas revoluções científicas, há mudanças radicais no que tange à instabilidade da sociedade moderna e que essa mesma revolução, atualmente, é causa de surtos irracionais. No entanto, vale lembrar que nenhum processo social pode ser compreendido de forma isolada, como instância neutra, acima dos conflitos ideológicos da sociedade. Ao contrário, ele está profundamente ligado, vinculado às desigualdades culturais, econômicas e políticas que dominam nossa sociedade.

O autor conclui seu livro destacando a necessidade de que mais do que nunca se deve refletir sobre a existência humana dentro de sua própria órbita que é o mundo, mundo esse que transborda, que vai além dos conceitos sociais, econômicos e ecológicos. Brüseke finaliza sua obra deixando claro que o uso do método técnico moderno não pode ser considerado de maneira independente dos conceitos ou das bases teóricas, implícita ou explicitamente, envolvidos no desejo de transcender às situações dadas, e que é necessário abrir novos caminhos para reencontrar experiências fundamentais além da mera manipulação daquilo que está à nossa mão.

### 4. INDICAÇÕES

A obra resenhada fornece subsídios à pesquisa científica à medida que traz uma vasta quantidade de autores e filósofos que se tornaram protagonistas da discussão e construção de todo o livro. Brüseke compartilha seus muitos estudos e leituras, demonstrando sólidos conhecimentos acerca da filosofia moderna e contemporânea. O autor empenhou-se em apresentar, clara e detalhadamente, as circunstâncias e as características da técnica moderna para o mundo que, hoje, torna-se indiferente aos riscos

que a mesma vem causando, riscos esses que, nas palavras de Heidegger, fizeram com que o homem se esquecesse do SER.

Com estilo por vezes não tão claro, mas, sim, em geral, objetivo, o autor procura dar a dimensão de como a técnica e os riscos da modernidade estão no ápice das transformações sociais e culturais que vem ocorrendo. Brüseke cita, em todo o seu livro, inúmeras ciências como a física, a química, a filosofia, a teologia e a história, dando destaque, inclusive, para a mitologia grega, ao demonstrar que esta atingiu certo grau de complexidade válido até os dias atuais por auxiliar no processo analítico. Nesta parte como nas demais, é exigido um conhecimento prévio do leitor.

O livro “A Técnica e os Riscos da Modernidade” tem por objetivo oferecer uma modesta contribuição para a reflexão e contemplação sobre a técnica moderna e suas consequências instabilizantes na sociedade contemporânea. Além de mobilizar a fantasia a abrir caminhos que perpassem a técnica e a ciência moderna com a finalidade de reencontrar experiências fundamentais que superem a mera manipulação do que já está ao nosso alcance.

A obra oferece suporte de reflexão para estudantes universitários em nível de mestrado e doutorado e pesquisadores, a fim de que possam realizar e desenvolver suas pesquisas, utilizando-se do rigor necessário à produção de conhecimentos diferenciados e com um vasto embasamento filosófico. É de grande auxílio, principalmente, àqueles que desenvolvem trabalhos acadêmicos no campo da ciência social e da ciência da natureza.

Não se trata, assim, de um simples manual, mas de um livro que apresenta os fundamentos necessários à compreensão do papel da natureza perante a técnica, e dos riscos da modernidade, sendo uma obra que contribui para o desenvolvimento de uma atitude crítica perante o progresso do conhecimento.